

O acervo de Samuel Rawet: inscrições no contemporâneo

Samuel Rawet's collection: inscriptions on the contemporary

Bianca Iung Bruel¹

Resumo:

O artigo investiga as singularidades do acervo de Samuel Rawet (1929-1984), doado em 2018 ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (AMLB/FCRB), sob a perspectiva teórica de Giorgio Agamben e de sua leitura crítica sobre o contemporâneo. Propõe-se analisar como o acervo, na qualidade de integrante da obra literária de Rawet, articula-se com a contemporaneidade, bem como pode responder a especificidades nas relações entre obra, trajetória e modos de escrita do autor.

Palavras-chave: Samuel Rawet; arquivo; arquivo literário; contemporâneo.

Abstract:

This paper investigates a set of specific features which characterize Samuel Rawet's (1929-1984) personal collection, donated in 2018 to the House of Rui Barbosa Foundation's Archive-Museum of Brazilian Literature. The study is informed by Giorgio Agamben's theoretical perspective and, in particular, by his critical considerations on the contemporary. Our purpose is twofold: first, to examine how Rawet's collection, taken as part and parcel of his literary oeuvre, integrates and responds to the contemporary world; and second, to consider how the collection illuminates the relationships between Rawet's work, his trajectory, and his writing modes.

Keywords: Samuel Rawet; archives; literary archives; contemporary.

1 Introdução

Em março de 2018, o acervo do escritor Samuel Rawet (1929-1984) foi doado ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (AMLB/FCRB). Desde a morte do autor, em julho de 1984, os documentos de Rawet encontravam-se na residência de sua irmã e de seu cunhado, Clara Rawet Apelbaum e David Apelbaum. Com o falecimento de ambos, Ariel Apelbaum, filho do casal, concretizou a doação do acervo do tio, que com o suporte da PUC-Rio, representada pela professora Rosana Kohl Bines, de alunos de iniciação científica da universidade e da equipe do AMLB, passou por processos de triagem,

¹Jornalista, mestre em Letras pela PUC-Rio, pesquisadora-bolsista do projeto **História e memória do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa**.

organização e catalogação. Em outubro de 2019, uma exposição e um colóquio marcaram a abertura do acervo de Rawet à visitação, pesquisas e consultas.

O espaço abriga 325 dossiês que reúnem cerca de 500 itens documentais, dentre os quais estão peças teatrais, edições de ensaios, datiloscritos de notas, novelas e contos, cadernos de anotações, recortes de jornais, correspondência, desenhos, anotações a mão, transcrições de diversos textos, documentos pessoais – como o passaporte de estrangeiro, a certidão de nascimento na Polônia, a certidão de naturalização como brasileiro –, além de itens relacionados à profissão de engenheiro², como esboços, projetos, régua e esquadros. Uma parte dos documentos do acervo foi adicionada por Clara Rawet que, mesmo após a morte do irmão, colecionava as reportagens sobre sua obra e ainda mantinha guardadas as correspondências trocadas com editoras e pesquisadores.

Entre as possibilidades abertas no campo relacional mediado pelo arquivo, ao instaurar imagens, memória e discursos, são expostas questões relativas às formas de pensar as particularidades do percurso de Rawet e de sua produção criativa; aos modos de entender o contexto sob o qual sua obra e trajetória deixam marcas; às dimensões que articulam o arquivo e a obra em uma perspectiva crítica do contemporâneo.

Nesse sentido, alguns questionamentos nos guiam neste artigo, tais como: quais as singularidades apresentadas pelo acervo de Rawet? O que nos leva a entender a composição de seu arquivo em 2019, mais de três décadas após sua morte? Como o acervo, na qualidade integrante da obra literária do autor, articula-se com a contemporaneidade?

2 Nos rastros da memória e do esquecimento

Para refletirmos sobre a formação do acervo de Samuel Rawet é importante situar o contexto de criação do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (AMLB/FCRB). A instituição foi criada em dezembro de 1972, após publicação de uma crônica de Carlos Drummond de Andrade em sua coluna do *Jornal do Brasil* naquele mesmo ano. No texto *Museu: Fantasia?*, o poeta faz um apelo para a criação de um museu de literatura que pudesse preservar a “tradição da escrita brasileira”, formada “não só de papéis

² Engenheiro de cálculo, Samuel Rawet formou-se na Escola Nacional de Engenharia (atual Escola Politécnica da Universidade do Rio de Janeiro), em 1953. Integrou o Departamento de Concreto Armado da Companhia Urbanizadora da Nova Capital, em Brasília, participando do projeto ao lado de Joaquim Cardoso, Oscar Niemeyer e Lucio Costa. As atividades de engenharia foram desenvolvidas em paralelo à produção do escritor na maior parte de sua trajetória.

como de objetos relacionados com a criação e a vida dos escritores”, como mostra o trecho abaixo:

Velha fantasia deste colunista — e digo fantasia porque continua dormindo no porão da irrealidade — é a criação de um museu de literatura. Temos museus de arte, história, ciências naturais, carpologia, caça e pesca, anatomia, patologia, imprensa, folclore, teatro, imagem e som, moedas, armas, índio, república... de literatura não temos [...]. Mas falta o órgão especializado, o museu vivo que preserve a tradição escrita brasileira, constante não só de papéis como de objetos relacionados com a criação e a vida dos escritores. É incalculável o que se perdeu, o que se perde por falta de tal órgão. Será que a ficção, a poesia e o ensaio de nossos escritores não merecem possuí-lo? O museu de letras, que recolhesse espécimes mais significativas, prestaria um bom serviço (DRUMMOND, 2012 apud VASCONCELLOS; XAVIER, 2012, p. 8-9).

O apelo foi atendido através do projeto idealizado por Plínio Doyle e Américo Jacobina Lacombe, então presidente da Fundação. Documentos doados pelo poeta mineiro, pelo próprio Doyle (bibliógrafo responsável por dirigir o AMLB desde a data de sua criação até 1993) e por Rosita Martins Moreira, viúva de Thiers Martins Moreira, diretor do Centro de Pesquisa da FCRB, formaram o primeiro acervo do arquivo. A exposição *Camoniana*, tema em comemoração ao quarto centenário de *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, e uma mostra de aproximadamente cem documentos do arquivo recém-criado marcaram a inauguração do espaço. Em janeiro de 1973, Drummond publicaria na mesma coluna no *Jornal do Brasil* o texto *Em São Clemente, 134*, convocando mais doações ao arquivo:

Colecionador ou não colecionador, que tenha em casa um retrato, uma carta, um poema, um documento de escritor brasileiro digno de nome de escritor, e pode com ele enulentar (...) o arquivo-museu menino, dirigido pelo espírito público de Plínio Doyle na Casa de Rui Barbosa: faça um beau geste, mande isso para São Clemente, 134, e terá oferecido a si mesmo o prêmio de uma satisfação generosa (DRUMMOND, 2012 apud VASCONCELLOS; XAVIER, 2012, p. 10-11).

Três anos após a inauguração, o AMLB realizou sua terceira exposição, desta vez em homenagem à Academia Brasileira de Letras (ABL). Durante o evento, chamado de *Memória Literária II*, anunciou-se o registro de 2001 itens documentais do arquivo, entre eles um manuscrito de José de Alencar e versões do romance *Til*, doação feita pela família de Lúcio de Mendonça, jornalista e escritor, um dos fundadores da ABL (VASCONCELLOS; XAVIER, 2012). Pouco tempo depois, em 1977, o AMLB recebe outra doação de relevância: fontes documentais de Clarice Lispector, doadas pelo filho Paulo Gurgel Valente. A instituição passa

a abrigar documentos de uma autora bem recebida pela crítica da época que, assim como o poeta mineiro, é vinculada ao contexto do Modernismo brasileiro.

Esta breve introdução à fundação do AMLB permite refletir sobre de que forma a composição de arquivos literários esteve atrelada à ideia de um cânone criado e reforçado por instituições como a ABL e grupos que nela circulavam (escritores, críticos e jornalistas), capazes de estabelecer uma normativa do que seria um escritor ou escritora aptos a legitimar a “tradição da escrita brasileira”, como na expressão de Drummond.

Cabe aqui refletirmos sobre a obra rawetiana e suas particularidades frente ao contexto de formação dos arquivos literários no Brasil, em especial no Rio de Janeiro, e a recepção crítica no cenário da literatura nacional. Ao olharmos a produção de Samuel Rawet, neste mesmo período de formação e consolidação do AMLB, percebemos a dedicação do autor, em especial, ao desenvolvimento e publicação de ensaios e resenhas.

Um desses textos abordou a sétima edição de poemas reunidos de Drummond, lançada em 1976 pela Livraria José Olympio Editora, a mesma que publicou *Contos do Imigrante*, em 1956. O texto *Drummond: O Ato Poético* (RAWET, 2008d) foi publicado no Suplemento Literário de Minas Gerais, em 1977, sendo um registro da admiração de Rawet à obra do poeta mineiro. Em outro ensaio, Rawet dedicou-se a escrever sobre Clarice Lispector (RAWET, 2008c), que conhecia pessoalmente e por quem nutria uma grande admiração. Em contrapartida, ensaios que também datam dos anos 1970 revelam questões mais sensíveis e caras ao autor, relacionadas ao judaísmo, à família e à sexualidade. Assim são os textos de *Homossexualismo: Sexualidade e Valor* (1969); *Alienação e Realidade* (1970); *Eu-Tu-Ele* (1972); e *Angústia e Conhecimento* (1978).

Rawet empreende um projeto ensaístico que lança sua escrita como o “movimento de consciência que se verbaliza”, como ele pontua em entrevista concedida em 1971 a Ronaldo Conde e publicada no jornal *Correio da Manhã* (CONDE, 2008). Para o autor, a consciência é entendida como a capacidade de criação do corpo em conhecer a sua relação com o mundo, atravessada pelo corpo do outro numa dinâmica onde a temporalidade é determinante (RAWET, 2008b). É neste sentido que a palavra está a serviço do exercício de manifestação da consciência, revelando-se na urgência de expressar o corpo e suas relações no mundo concreto e das emoções, de criar choques e irromper em ambivalências, como amor e ódio, pertencimento e exílio, silêncios e ruídos.

Essa concepção atravessa a escrita rawetiana na ficção e na produção ensaística. Nos ensaios, ela permite ao autor ampliar a linguagem empregada em seus textos, assumindo por

uma via reflexiva que provoca, desperta afetos por vezes desconfortáveis, “desnuda o real” (BINES; TONUS, 2008, p. 15) –e por que não, o próprio escritor? –, através da palavra que toma o lugar de manifestação da consciência no mundo. Na apresentação da coletânea *Ensaaios Reunidos* (BINES; TONUS, 2008, p. 12), encontramos a análise da produção desse período: “Em seus últimos trabalhos, Rawet tenta romper definitivamente com os modelos tradicionais do texto ensaístico, buscando em particular o biográfico, o especulativo e o ficcional”.

Importante pontuar que o projeto de escrita dedicado aos ensaios é posterior ao período de maior produção de contos e novelas do autor, responsável por uma primeira recepção mais ampla de seu trabalho. Cabe situar a crítica recebida a partir de *Contos do Imigrante* (1956). Assis Brasil foi o crítico mais influente em reconhecer na coletânea de contos de estreia de Rawet um marco para a ficção brasileira:

Contos do Imigrante ficou, assim, como um marco em nossa literatura de ficção nova, a ponto convergente de um novo conto brasileiro, ultrapassadas as barreiras prolongadas do Modernismo, quando “modelo” da história curta entre nós tinha de passar por Machado de Assis. Rawet eleva o conto à categoria estética, dando-lhe inteira autonomia em relação às narrativas mais longas, como a novela e o romance (BRASIL, 2008a, p. 275)

Por outro lado, como apontado no ensaio *A recepção crítica da obra de Samuel Rawet* (2009), parte da crítica qualificou a obra como hermética:

O que sobressai de imediato na revisão da crítica rawetiana são as ressalvas quanto ao hermetismo da obra. A questão da inacessibilidade de seu português desnaturalizado, que soa como língua estrangeira, aparece sempre com um sinal de menos, como algo desabonador, que impediria a fruição do leitor brasileiro, mais afeito ao “jeitinho” descomplicado de narrar (BINES, 2009, p. 272-273).

Há aqui uma problemática que atravessa a obra rawetiana neste período e que se desdobrará no olhar para futuros textos do autor. A língua torna-se uma questão central, a ponto de se analisar como a escrita brasileira, nos moldes colocados pela crítica da época, imbuída pelas ideias do Modernismo e com os olhares voltados ao lançamento de *Grande Sertão: Veredas* (1956), de Guimarães Rosa, poderia relacionar-se com o projeto literário de Rawet, repleto de especificidades no emprego de uma linguagem que se apresentava nova até então entre os autores brasileiros, no âmbito da forma narrativa e do conteúdo. Tais singularidades criaram certa dificuldade para inserção do autor em qualquer espaço historiográfico-crítico que

lhe possibilitasse transitar com mais fluidez sem ter a necessidade de responder a uma construção de escrita e literatura em debate no país³.

Nas publicações que se seguiram, *Diálogo* (1963), *Abama* (1964), *Os Sete Sonhos* (1967), *O Terreno de uma Polegada Quadrada* (1969), e *Viagens de Ahasverus à Terra Alheia em Busca de um Passado que não Existe porque é Futuro e de um Futuro que já Passou porque Sonhado* (1970), Rawet consolida sua escrita errante⁴, em movimento a partir de personagens em conflito, deslocamentos e manifestações da consciência. Assis Brasil (2008a) o compara a Kafka, Joyce e Hesse. Observa-se nessa época certa generalização que parece não ser suficiente para dar conta das singularidades da obra do autor. Nas palavras da pesquisadora Rosana Kohl Bines: “ressaltou-se o apagamento do traço diferencial judaico pela linguagem da universalização, que minimiza os choques interculturais em favor de uma representação genérica da condição deslocada de todo ser humano” (BINES, 2009, p. 280).

Neste panorama, por desenvolver uma escrita experimental em meio a temas densos, o projeto ensaístico empreendido pelo autor na década de 1970 trouxe ainda mais especificidades a serem tratadas e consideradas pela crítica e pelo meio literário. É o caso do ensaio *Kafka e Mineralidade Judaica ou a Tonga da Mironga do Kabuletê* (1977), em que Rawet anuncia de forma violenta seu rompimento com o judaísmo. O confronto com as origens reverbera em *Angústia e Conhecimento* (1978), texto no qual os embates familiares ganham corpo em uma narrativa autoficcional que exalta ainda o caráter filosófico dos ensaios do autor. A sexualidade é tratada como escolha (BINES; TONUS, 2008), em meio a conflitos e experiências narradas: “Eu atribuía minhas tonteiras, tremedeiras, insônias, e afinal a incapacidade de concentração no trabalho a meus desejos homossexuais” (RAWET, 2008b, p. 149).

Neste contexto, a criação de espaços arquivísticos que pudessem estar relacionados à escrita de Rawet parece muito distante de se concretizar, ao passo que seu projeto literário não poderia responder tão facilmente aos moldes de uma “tradição da escrita brasileira”, como apontou Drummond. O estilo errante do autor, as controvérsias lançadas por meio de um

³ Tomo aqui como referência a obra de Antonio Candido, *Formação da Literatura Brasileira*, de 1975.

⁴ Natural da pequena cidade de Klimontow, na Polônia, Samuel Rawet chega com a família ao Rio de Janeiro em 1936, instalando-se no bairro Leopoldina. Reside em diferentes locais no Rio e em Brasília. Viaja um curto tempo pela Europa, e a trabalho, visita Israel. Os efeitos da itinerância conferem a Rawet uma escrita errante, marcada por personagens em constantes deslocamentos do corpo e de fluxos de pensamento. Essa característica expande a experimentação do autor no campo da linguagem, como indica Gabriel Antunes em sua conclusão de pesquisa de mestrado: “A escrita errante não se desenvolve em fórmulas prontas, ela abre suas próprias trilhas, seus atalhos e distâncias, por isso é tão custoso encontrar discípulos para escritores errantes, talvez o que possa ser, de fato, aprendido, enquanto lição, é a capacidade de experimentar a escrita, tencioná-la, rasgá-la, emudecê-la.” (ANTUNES, 2011, p. 84).

discurso afiado e provocativo, a experiência da homossexualidade tratada de forma tão frontal nada tinham de normativo para a época e os círculos da ABL. O que se percebe é uma estranheza da crítica e do meio literário ao tratar a prosa rawetiana e seus temas.

Hoje, pode-se analisar que o AMLB abriga o acervo do escritor ainda sob a mesma perspectiva lançada em seus primórdios, o que se modifica e opera são as forças do arquivo entre tempos. Há aqui uma dobra no tempo cronológico, como indica Georges Didi-Huberman (2015), onde temporalidades distintas relacionam-se, produzindo anacronismos. Desse movimento, o arquivo instaura rasuras na história pelas quais podemos gerar novos arquivamentos. Essa dinâmica responde em parte ao processo de criação do acervo de Rawet.

Ademais, as singularidades do arquivo do autor mostram que Rawet parece formar um arquivamento de si sem a finalidade de pavimentar uma carreira de escritor, mesmo que amador, como ele mesmo declarava-se, ou de fazer parte de círculos literários. Assis Brasil (2008a, p. 270) escreveu: “sua vida (de Rawet) não foi de um carreirista, um deslumbrado pela medalha ou elogio”. As transcrições, notas e fragmentos de texto do acervo parecem responder às questões da escrita do autor em seu processo criativo e contribuir para o seu constante estudo da estrutura da linguagem, a serviço da urgência em exaltar a palavra como manifesto do instante vivido, verbalizando a consciência no mundo. O volume e a variedade de transcrições presentes no acervo⁵ revelam o esforço do autor em empenhar corpo e leitura numa atividade extrativa⁶, gestos de escrita essenciais à dinâmica de vida de Rawet, partida em conflitos e indissociável do desejo de se chegar à palavra exata, de ler e escrever como uma questão de sobrevivência.

Se o *mal de arquivo*⁷, como concebe Jacques Derrida (1930-2004), opera através da pulsão de destruir e apagar como condição para novas consignações e renovação do arquivo, os

⁵ Mesmo sem contar com seus livros, o acervo de Samuel Rawet reúne uma série de transcrições que reportam ao seu universo de leitura e escrita. Em suportes de diferentes formatos, estão no AMLB transcrições variadas como citações, poemas inteiros, pequenos versos, partes de gramáticas, trechos de entrevistas e prefácios de livros de autores que admirava.

⁶ Expressão usada pela artista visual Leila Danziger (SILVA, 2015, p. 124-125). O termo é cunhado a partir do processo de criação que se utiliza da subtração de elementos materiais. Ao estudar procedimentos escultóricos, no âmbito da diferença entre escultura e modelagem, sob as referências do pintor e escultor italiano Michelangelo (1475-1564), a artista aponta a escultura como “aquilo que se faz por subtração, e modelagem o que se faz por adição” - referência com base em consulta feita com Danziger por meio de e-mail, em 30 de março de 2020. A referência serviu para os trabalhos de Danziger com a gravura, que também se desenvolvem por subtração da matéria, à medida que a gravação do metal ou da madeira, implica em abrir sulcos.

⁷ Para Derrida, o lugar de conservação de memórias do passado atribuído ao conceito de arquivo em sua concepção clássica cede espaço para a possibilidade de abertura ao futuro a partir do caráter de destruição operado pelo mal de arquivo, que através da pulsão de morte “devora seu arquivo antes mesmo de tê-lo produzido externamente” (DERRIDA, 2001, p. 21). Com isso, a constituição do arquivo é um processo em constante andamento à medida

movimentos de escrita do autor encenam a destruição de qualquer rastro que impeça a palavra de vocalizar conflitos e afetos a partir da concepção da linguagem como forma de consciência. Por isso o empenho em desenvolver uma ficção errante que toca o que há de concreto nas experiências.

3 Considerações finais: do escuro do presente, a luz que não se pode alcançar

Giorgio Agamben aponta que ser contemporâneo exige uma atualidade em relação ao presente implicada numa desconexão e dissociação com o tempo atual. Isso não significa que o contemporâneo é aquele que foge de seu tempo, mas sim que é aquele capaz de criar através do deslocamento e do anacronismo uma relação singular com o presente, afastando-se dele para poder enxergá-lo. A partir das considerações de Friedrich Nietzsche (1844-1900) sobre o intempestivo⁸, o filósofo italiano pontua:

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem fixar o olhar sobre ela (AGAMBEN, 2009, p. 59).

Sob a perspectiva de Agamben, ao refletirmos sobre a escrita e a produção literária de Samuel Rawet nos deparamos com um escritor contemporâneo ao seu tempo. As nuances de sua época e o que escapa da adesão do autor ao contexto temporal vivido são percebidos em seus contos e ensaios. Os conflitos encenados e a linguagem singular empregada fazem com que a obra rawetiana impeça o tempo de compor-se em uma totalidade, fragmentando-o e instaurando fraturas. Os textos dedicados a questionar pensamentos e comportamentos ligados a uma tradição racional judaico-cristã, como a novela *Viagens de Ahasverus* (1970) e o prefácio do ensaio *As Utopias do Judeu Buber* (1978) são exemplos dessa leitura. Há ainda os casos que se ocupam de desconstruir saberes expressados de forma sistemática e cartesiana, como em *Angústia e Conhecimento* (1978), que demonstram um grande esforço do autor em tratar de temas como a angústia, a solidão e a decadência do mundo moderno.

que novos registros operam para suplementar o conjunto de significações, sem nunca o completar. Desse modo, novos arquivamentos são instaurados diante da condição necessariamente fragmentária do arquivo.

⁸ Em referência à *Segunda Consideração Intempestiva – Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, de Friedrich Nietzsche.

Nesse contexto, muitos dos personagens de Rawet vagam sem rumo, deslocam-se em pensamentos e nos gestos de movimento do corpo, não sendo identificados por um nome próprio em vários dos contos, reforçando a construção de sujeitos por um viés à margem do tradicional. O tempo é expresso pelo instante, em ações que acometem o narrador. Os acessos à memória aparecem de forma constante na narrativa para lembrar a dissociação com o presente, onde a escrita errante do autor reforça desconexões temporais no intuito de produzir atualizações do presente vivido e aberturas às possibilidades futuras, articulando-se em anacronismos.

Outro aspecto para a definição da contemporaneidade, de acordo com Agamben, relaciona-se com a capacidade de poder ver nas trevas: “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar em seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros” (AGAMBEN, 2009, p. 62).

A partir da neurofisiologia da visão, o pensador aponta que a escuridão não é apenas a ausência de luz, mas a desinibição de uma série de células periféricas da retina que, ao entrar em atividade, produzem o que chamamos de escuro. Desse modo, Agamben destaca a escuridão como um produto de nosso corpo, ressaltando que para compreender a contemporaneidade é preciso ver além do que se pode enxergar, tomando o escuro do período em que se vive como algo que lhe é direcionado para, então, poder questioná-lo e produzir pensamento crítico.

Na mesma direção, a astrofísica também é evocada. No universo em expansão, as galáxias em meio à escuridão são tomadas por corpos luminosos, ambos se afastam em velocidades que a percepção humana não acompanha ao olhar para o céu. A luz nesse sentido afasta-se à medida que a percebemos. A cena ilustra mais um aspecto daquilo que Agamben ressalta como um traço do ser contemporâneo: perceber no escuro do presente uma luz que se dirige a nós e ao mesmo tempo distancia-se infinitamente. Dessa forma, ele ressalta que a contemporaneidade não pode ser apenas associada ao tempo cronológico, e sim a algo que emerge desse tempo, produzindo um sentimento de urgência capaz de transformá-lo.

Da capacidade de enxergar no escuro do tempo presente a luz que não se pode alcançar, o acervo de Samuel Rawet inscreve-se na contemporaneidade através das novas leituras suscitadas para a obra do autor. Se Rawet foi um escritor contemporâneo ao seu tempo, seu acervo nos amplia as possibilidades de inscrevê-lo na dimensão do contemporâneo de hoje através da urgência da palavra do autor, que ganha novos modos de articulação a partir dos movimentos e conexões relacionados com suas fontes documentais. Nessa dimensão, temas como: exílio, imigração, refúgio, homossexualidade e solidão, abordados na obra do autor,

revelam-se sob novas percepções, singulares ao tempo atual, com a capacidade de instaurar fraturas no agora.

Para finalizar, recorremos à frase com a qual o autor refere-se a Carlos Drummond de Andrade ao resenhar um de seus livros: “O Poeta ilumina com sua escuridão” (RAWET, 2008g, p. 184). É dessa potência de poder visualizar a luz a partir das sombras que o acervo renova as diferentes dimensões de Rawet no contemporâneo, como o poeta que da escuridão nos revela feixes de luz que não podemos alcançar, ou ainda, para utilizar uma referência do acervo: o poeta que percebe quando brilham as sombras⁹.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo*. Chapecó: Argos, 2009.

ANTUNES, Gabriel. *A escrita errante em Samuel Rawet*. 2011. 97 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

BINES, Rosana Kohl; TONUS, José Leonardo. A palavra extrema de Samuel Rawet. *In*: BINES, Rosana Kohl; TONUS, José Leonardo (org.). *Samuel Rawet: ensaios reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 9-20.

BINES, Rosana Kohl. A recepção crítica da obra de Samuel Rawet. *In*: LEWIN, H. (coord). *Judaísmo e modernidade: suas múltiplas inter-relações* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009b. p. 272-281. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/ztp5/pdf/lewin-9788579820168-23.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

BRASIL, Assis (Francisco de Assis Almeida Brasil). Samuel Rawet, um marco literário. *In*: SANTOS, Francisco Venceslau dos (org.). *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2008a. p. 269-279.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

CONDE, Ronaldo. A necessidade de escrever contos. *In*: SANTOS, Francisco Venceslau dos (org.). *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*. Rio de Janeiro: Caetés, 2008. p. 235-252.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

⁹ Em referência ao título de uma peça de Samuel Rawet *Quando brilham as sombras*. Há no acervo uma página avulsa que integra um esboço de ideias para peças de teatro, tendo somente o título escrito a mão pelo autor.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Trad. de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

RAWET, Samuel. Angústia e Conhecimento. *In*: BINES, Rosana Kohl; TONUS, José Leonardo (org.). *Samuel Rawet: ensaios reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008b. p. 137-158.

RAWET, Samuel. A Hora da Estrela ou frutas do Frota, ou ensaio da crítica literária policial. *In*: BINES, Rosana Kohl; TONUS, José Leonardo (org.). *Samuel Rawet: ensaios reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008c. p. 217-224.

RAWET, Samuel. Drummond: o ato poético. *In*: BINES, Rosana Kohl; TONUS, José Leonardo (org.). *Samuel Rawet: ensaios reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008d. p. 184-187.

VASCONCELLOS, Eliane; XAVIER, Laura Regina. *Guia do acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2012.

SILVA, Márcio Seligmann. Leila Danziger e Eugenia Bekeris: um díptico sobre a nova arte da memória. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, v. 96, p. 117-147, 2015.